

O ILUSTRE DIÁLOGO DE QUINTO AURÉLIO SÍMACO EUSÉBIO COM A TRADIÇÃO PAGÃ E COM HOMENS PÚBLICOS CRISTÃOS

Janira Feliciano Pohlmann
Orientação: Renan Frighetto

PALAVRAS-CHAVE: *Antiguidade Tardia; Mos Maiorum; Oratio.*

Nos séculos IV e V d.C., uma imensa quantidade de concílios formataram os dogmas e as ideologias da cristandade. Estas passaram, então, a ser empregadas por Constantino I e por seus sucessores como um instrumento de unidade e de universalidade do poder do *imperator*. O fortalecimento da fé cristã e, em especial, sua utilização política pelo governante do *imperium romanorum* modificaram profundamente a sociedade tardo-antiga. Ao estudar este contexto, algumas hipóteses podem ser sugeridas: a tradição pagã, tão arraigada a Antiguidade Clássica e aos cidadãos romanos, foi constantemente adaptada por pensadores cristãos até se tornar ideais convenientemente cristianizados; os defensores destas perspectivas religiosas (paganismo e Cristianismo) mantinham constante diálogo, o que propiciou a interação entre suas idéias; este diálogo, por sua vez, tinha como principal objetivo a preservação da *aeternitas Romae*.

A polêmica Cristianismo-paganismo era intensa desde os primeiros séculos de nossa era, especialmente a partir do final do século II, quando o pagão Celso foi o primeiro a considerar o rápido crescimento da nova doutrina como uma ameaça à estabilidade e a segurança do *imperium*. Celso expôs suas opiniões em um livro chamado *O Logos Verdadeiro (Aléthês Lógos)*. O propósito do texto era opor-se à expansão do Cristianismo e persuadir os cristãos de que deveriam ser melhores cidadãos, para tanto, necessitavam seguir a tradição romana da busca pelas virtudes e do respeito ao governante. Consideramos este momento (final do século II), como o início do diálogo do Cristianismo com o paganismo, visto que, os “Padres

Apostólicos”, até então, escreviam apenas para seus correligionários cristãos. Diante do ataque de Celso, os pensadores cristãos passaram a defender, pela primeira vez, a causa e a ideologia cristã frente ao mundo dos pagãos¹. Antes da intervenção de Celso, o Cristianismo era considerado mais uma das seitas do *imperium romanorum*. Ao alertar sobre o perigo que esta nova seita representaria para a estabilidade romana, Celso fez com que inúmeros representantes cristãos passassem a sustentar suas ideologias diante daquela sociedade. Deste modo, podemos estabelecer que o diálogo entre Cristianismo e paganismo iniciou-se, sim, movido por querelas. No entanto, esta situação não perdurou por todo o tempo, alternando momentos de discussões calorosas entre pagãos e cristãos e períodos de comunicação respeitosa e com objetivos comuns.

Posto o debate, de um lado, pagãos defendiam que o apogeu do *imperium Romae* se devia aos deuses do paganismo. Do outro lado, cristãos acreditavam que estes antigos deuses eram, sim, responsáveis pela decadência deste *imperium*, por isso, o mais justo seria abandonar as falsas divindades e obedecer ao verdadeiro Deus (o cristão).

Entretanto, mesmo neste contexto de conflitos de crenças religiosas, notamos diversos intercâmbios culturais ocorridos em um período que mesclou a formação dos dogmas cristãos, através dos concílios, e o convívio – prático e respeitoso – com representantes de outras ideologias, no caso em estudo, o pagão Quinto Aurélio Símaco Eusébio.

Neste ínterim, dentre as diversas transformações levadas a cabo durante a Antiguidade Tardia, destacamos que nosso trabalho tem como foco o diálogo entre homens públicos pagãos e cristãos no momento em que ocorre o fortalecimento do Cristianismo em detrimento da filosofia pagã. Em nossos estudos, percebemos que os

¹ DODDS, Eric Robertson. Dialogo del paganismo con el Cristianismo. In: *Paganos y Cristianos en una época de angustia*: algunos aspectos de la experiencia religiosa desde Marco Aurélio a Constantino. Tradução para o espanhol: J. Valiente Malla, Madrid: Ediciones Cristandad, 1975, p. 141.

representantes de ambas as culturas religiões estabeleceram diálogos constantes: enquanto cristãos procuravam estabelecer as bases de sua teologia, pagãos desejavam resguardar e fortificar seus espaços de representatividade. Todavia, sem discordar dos embates religiosos presentes no cotidiano romano, esse trabalho se detém em confirmar as interações entre pesadores do paganismo e do Cristianismo em torno de um objetivo comum: *a aeternitas imperii romanorum*.

Neste contexto, a defesa do costume dos antepassados (*mos maiorum*) e a arte da oratória (*oratio*) foram princípios norteadores daquela sociedade romana ocidental que se re-elaborava diante das novas conjunturas, mas que resguardava os saberes do passado e os propagavam através da oratória. Enquanto o *mos maiorum* refere-se à conservação da tradição, do culto aos deuses, à busca incessante pelo conhecimento, à manutenção das virtudes, dos costumes dos antepassados, a *oratio* é a capacidade de “falar bem”, falar com conhecimento de causa, não apenas com desenvoltura e elegância na expressão. Estes conceitos, comuns no cotidiano pagão, eram também caros aos cristãos, pois auxiliavam na preservação e na propagação da mensagem de Jesus Cristo. Uma vez que estes preceitos incluíam momentos de orações, a busca do saber, a salvaguarda das virtudes e a defesa do bem comum e era a prática diária destas ações que garantiam a hegemonia e a eternidade de Roma. Portanto, para compreender melhor as especificidades do período tardo-antigo, esta pesquisa considera a prolongada interação entre a cultura pagã greco-romana e a cultura cristã.

A investigação de documentos da segunda metade do século IV e início do V, em especial os *Informes*, *Discursos* e as *Cartas* (Livros I – V) de Quinto Aurélio Símaco Eusébio, realizada nessa pesquisa constatou a riqueza desta época de modificações e interações culturais. Estes escritos comprovaram os diálogos existentes entre pagãos e cristãos, ao menos no ambiente político-administrativo romano e a estima de determinadas práticas tradicionais para importantes personagens da época, tanto cristãos como pagãos. Para tanto, foi efetuada uma análise minuciosa do interesse pelos exemplos

advindos do passado – através do *mos maiorum* – e das competências emanadas da arte da oratória, princípios estes explícitos nos documentos históricos selecionados para este estudo. A fim de aprimorar a compreensão e a contextualização das expressões latinas, também foi empregada a linguística histórica, entre outras técnicas de trabalho. Além disso, a leitura de bibliografias referente ao assunto apoiou a contextualização do período em questão.

Neste cenário de diálogo permanente, Silva entende que em situações cotidianas a alteridade é a condição primordial tanto para a construção de identidades quanto para a instituição de códigos que delimitam semelhanças e diferenças entre os grupos formadores de uma sociedade. Por outro lado, períodos de crise e de conflito aberto tendem a evidenciar as dimensões negativas do “outro” e acentuar a polarização entre “eles” e “nós”². Todavia, mesmo perante discrepâncias de crenças religiosas, os homens públicos do universo romano buscavam a eternidade da hegemonia romana e a manutenção das artes liberais e dos princípios morais norteadores daquela sociedade. Logo, neste caso, a alteridade fortalecia os ideais destes políticos e não gerava importantes conflitos.

O pagão Quinto Aurélio Símaco Eusébio, integrante do senado romano, é um dos exemplos de *illustris* cidadão romano que viveu neste período de grandes transformações. A análise de seus escritos auxilia na compreensão de algumas mudanças morais, religiosas, políticas e sociais ocorridas no decorrer dos séculos IV e meados do V. Portanto, nessa monografia, não pretendemos estudar o homem público *per se*, mas sua interação em um cenário de intensas mudanças e que recebe novos personagens, uma vez que os cristãos passaram a integrar o quadro político-administrativo romano.

Advogado, orador, senador e autor, Quinto Aurélio Símaco Eusébio viveu entre 340 e 402 da nossa era. A partir deste ano não se encontram mais registros de suas atividades, portanto, a historiografia considera 402 como o ano de sua morte. Advindo de família rica em

² SILVA, Gilvan Ventura da. *Reis, santos e feiticeiros: Constâncio II e os fundamentos místicos da basileia (337 – 361)*. Vitória: EDUFES, 2003, p. 279.

propriedades imobiliárias, mas sem renome até então, o grupo dos Símacos ascendeu da ordem dos *equestres* a dos *clarissimi*³ na época de Constantino.

A carreira administrativa de Quinto Aurélio Símaco se iniciou com o governo de Brucio e Lucania (364-365). Ao final de 373 foi nomeado proconsul de África e Prefeito de Roma de 384 e 385, cargo mais significativo de sua carreira política, pois o Consulado, responsabilidade assumida por Símaco em 391, era apenas simbólico naquele momento. Ao Prefeito da Urbe competia a autoridade judicial máxima da cidade, bem como as tarefas de manter a ordem e sustentar os serviços urbanos. Além disso, dirigia o Senado e atuava como juiz de primeira instância em Roma e arredores⁴. Cargo inferior apenas ao de Prefeito de Pretório, o Prefeito da Urbe era o governante supremo de Roma (e de Constantinopla – desde 359), nomeado e destituído pelo *imperator*. Fazia parte do rol de cargos *illustres* apresentados pela *Notitia Dignitatum*⁵.

Em um momento em que o Cristianismo começava a fortalecer suas bases e formatar seus dogmas, este senador pagão alcançou prestígio devido sua habilidade de manter uma eficiente teia de relações com importantes personagens de sua época. Considerado um tradicionalista, Símaco empenhou-se para conservar a literatura antiga, a religião e os símbolos pagãos, assim como os privilégios da ordem senatorial, que, neste momento, já agregava integrantes cristãos. Os ilustres participantes do Senado – quer fossem pagãos ou cristãos – deveriam velar pela causa comum, pelo saber e pela tradição, alicerçada nas virtudes da sociedade romana. Logo, por mais

³ A ordem senatorial estava dividida em *illustres* (grupo de maior importância), *spectabiles* (categoria mediana) e *clarissimi* (grupo de menor importância).

⁴ GALLEGOS, José Antonio Valdés. Introducción. In: SÍMACO EUSÉBIO, Quinto Aurélio. *Informes - Discursos*. Introd., trad. e notas de José Antonio Valdés Gallego. Madrid: Editorial Gredos S.A., 2003, p. 11.

⁵ A *Notitia Dignitatum* é uma listagem dos cargos administrativos e militares da Antiguidade Tardia. Sua primeira versão não é facilmente datável, mas acredita-se que foi redigida em meados do século IV d. C. e era constantemente atualizada. Existem duas destas listas: uma referente ao Ocidente, outra ao Oriente.

que as crenças religiosas fossem distintas, o objetivo público era comum a todos os governantes: manter a Eternidade de Roma. Propósito, este, que somente poderia ser alcançado com a preservação dos virtuosos exemplos do passado, que deveriam ser propagados para guiar os passos daquela sociedade.

A fim de preservar o *imperium romanorum*, observamos um cenário de conservação das artes e virtudes antigas (marcadas por exemplos do passado, pelos costumes dos melhores cidadãos – *mos maiorum*). Um contexto em que pagãos e cristãos dialogavam constantemente. Aqueles para salvaguardar antigas artes e virtudes, estes para as re-elaborar e as adaptar aos ensinamentos de Jesus Cristo e, em ambas as culturas religiosas, com a finalidade de proteger os princípios romanos.

Seguidor da filosofia neoplatônica, Símaco defendia a pluralidade dos cultos e das crenças religiosas. Compreendia que a verdade divina era muito complexa para tentar ser entendida por uma só via. Por isso, esclareceu que as discussões religiosas eram próprias dos desocupados, não dos homens públicos, que tinham como objetivo governar os romanos em prol do bem comum. Diante disso, seus documentos não propunham controvérsias religiosas, apenas solicitações em favor das antigas crenças – que vinham sendo suprimidas. No seu ponto de vista, seus requerimentos em benefício dos deuses clássicos impulsionariam a boa administração do *imperium romanorum*. Poder este que, conforme o orador pagão, seria mais bem amparado quando assentado em crenças diversas que conduziam por caminhos esclarecedores. *Caminhos* sim, no plural, não único e simples de ser percorrido, já que o segredo divino é imenso.

Em suma, este *uir illustris* liderou, entre os senadores pagãos, um movimento de preservação das homenagens aos antigos deuses, pois entendia que todas as glórias romanas provinham da atitude respeitosa dos homens perante estas divindades que retribuíam a ação humana com prestígio e eternidade. Assim, Roma somente seria Eterna se fossem mantidos os costumes dos grandes cidadãos – dos

antepassados. Mais ainda, Símaco manifestou claramente seu amor à tradição, ao *mos maiorum*, e preveniu que os homens de sua época não deveriam privar a posteridade daquilo que receberam, se não por afeição, ao menos por respeito.

Esta retomada constante por valores antigos, tais como devoção aos deuses, busca pelo saber, manutenção das virtudes e promulgação do bem comum, não era mérito pagão. Apesar de algumas adaptações, é notório o estudo destas antigas tradições pelos cristãos. Muitas das virtudes clássicas foram redesenhadas e assumidas como virtudes cristãs.

Em seu Livro I *Sobre a Penitência*, Ambrósio, Bispo de Milão, traz a tona um conceito demasiadamente familiar no Mundo Antigo, celebrado e conservado pelos pagãos: o bem comum. A manutenção do bem público, princípio defendido demasiadamente por Cícero e Aristóteles, também está presente na *Carta 17* (Livro I) enviada por Símaco ao amigo Ausônio. Nela, o autor solicitava que o amigo recebesse a embaixada de Ambrósio, considerado pelo remetente como “uno de los abogados más importantes de la provincia”⁶. Símaco salientou o desejo do bem comum destas comissões, por isso elas deveriam ser apoiadas por pessoas importantes, como Ausônio. Esta *Carta* evidencia o prestígio do bem comum, todavia, outros elementos dos escritos de Símaco, também nos levam a perceber o anseio deste homem público pagão pela busca do correto governo a favor dos cidadãos romanos.

Ambrósio percorreu este mesmo “caminho pagão” da proteção das virtudes e do bem comum, entretanto, o ajustou ao pensamento dos seguidores de Cristo. Ele considerava a moderação a mais alta das virtudes, visto que esta “tem por fim o proveito da maioria”⁷. Para o Bispo, através desta virtude, haveria a propagação da “Igreja

⁶ SÍMACO, *Carta 17*, Livro I, 1, p. 90.

⁷ AMBRÓSIO. *Sobre a Penitência*. Introdução e notas explicativas: Raquel Frangiotti. Tradução: Cália Mariana Franchi Fernandes da Silva. São Paulo: Paulus Editora, 2^a ed., 2005, Livro I, 1, p. 103.

adquirida pelo sangue do Senhor”⁸. Deste modo, é notória a adaptação da filosofia pagã à teologia cristã, a qual constituirá a base para a propagação de ideologias cristianizadas pregadas naquela sociedade em transformação. O bem comum – inicialmente pagão – ganhou ares de um desejo Divinamente cristão, bem como a moderação – também uma virtude pagã – foi convertida ao Cristianismo. Atitudes como esta, de refutação e releitura de aptidões, serão comuns no decorrer da constituição das idéias cristãs, e, paulatinamente, estes “novos conceitos” se tornarão próprios do Cristianismo. Antigos costumes de grandes cidadãos serão constantemente relembrados para nortear os passos da sociedade romana, embora os personagens selecionados para carregar estes valores fossem, a partir de então, fiéis a um único Deus, não mais das divindades pagãs. O que também ocorrerá com o saber, antes guardião das artes liberais pagãs e propagador de divindades protetoras da sociedade romana, contemplará novos temas a fim de exaltar o Deus cristão através das palavras escritas e faladas.

Em uma época em que poucas pessoas sabiam ler e o acesso aos documentos e livros era limitado, o som procedente da leitura sugeria / impunha os passos diários, por isso, a leitura pública fazia parte dos hábitos daquela sociedade. As palavras escritas eram destinadas à leitura em voz alta, pois o som emitido conduzia as ações cotidianas dos indivíduos. Somente com a leitura em voz alta as letras escritas pela tinta tornavam-se palavras e voavam com o intuito de ensinar ou entreter. O escrito preservava a palavra, para que esta pudesse se propagar através fala e proporcionar aprendizagem e prazer.

Herdada dos gregos, durante a Antiguidade, a retórica e as demais artes liberais compuseram o patrimônio do saber da sociedade romana, tanto pagã como cristã⁹. Ao ouvir os oradores gregos e

⁸ *Ibid, idem.*

⁹ CURTIUS, Ernest Robert. Literatura e educação. In : *Literatura Européia e Idade Média Latina*. Trad. de Teodoro Cabral e Paulo Rónai. São Paulo: Hucitec;

conhecer seus discursos escritos, os romanos ansiaram por se dedicar e aprender a *oratio*¹⁰. Sendo *rhetorica* o método de ordenamento de um discurso (que será proferido em público), a *oratio* é uma das partes que compõem esta arte, em parceria com a *uis oratoris* (força do orador) e a *quaestio* (investigação, busca, interrogatório)¹¹. A atividade política de Roma estimulava e garantia o lugar da oratória, que impulsionava carreiras e defendia vigorosamente as idéias daqueles que dominavam esta prática.

Os requisitos da erudição desejados pelo clássico orador Marco Túlio Cícero para o eficiente desenvolvimento da arte da *oratio* foram respeitados, resguardados e sustentados ao longo dos escritos de Quinto Aurélio Símaco Eusébio, os quais demonstram a vasta educação que recebeu, sua constante busca pelo saber e sua defesa eloquente da antiga tradição.

A fama da oratória de Símaco foi reconhecida ainda em sua época, mas perdurou até a Idade Média, quando fora reverenciado como *orator*, por Sigeberto de Gembloux (1030 – 1112) e como “orador agudíssimo” por Pedro, o Venerável (1092 – 1156). Seus documentos foram considerados modelos de redação e de discursos artisticamente preparados até o século XV. Seu filho, Quinto Memio Símaco, erigiu-lhe uma estátua dedicada ao *oratori disertissimo* (orador eloquente)¹². Destacados cristãos como Ambrósio de Milão e Aurélio Prudêncio Clemente também admiraram o tom oratório do senador ainda no século IV.

Se por um lado Prudêncio temia a eloquência de Símaco – pois este esclarecia e defendia, elegante e habilmente, a antiga tradição e o

EDUSP, 1996, pp. 71-91. (Eram sete as artes liberais: gramática, retórica e dialética formavam o *trivium*; aritmética, geometria, música e astronomia, o *quadrivium*.)

¹⁰ CICERO, *Sobre el orador*. Introd., trad. e notas de José Javier Iso. Madrid: Editorial Gredos, 2002, Livro I, p. 91.

¹¹ Cf. MONGELLI, Lênia Márcia (coord.). Retórica: a virtuosa elegância do bem dizer. In: *Trivium e Quadrivium* : as artes liberais na Idade Média. Cotia: Íbis, 1999, pp. 73-111.

¹² GALLEGOS, José Antonio Valdés. Introducción General. In: SÍMACO EUSÉBIO, *op.cit.*, pp. 19- 21.

imperium romanorum –, concomitantemente, o pensador cristão contemplava os dons do orador pagão, estudava seus textos e almejava a conservação destes documentos para o aprendizado da arte do “bem falar”. Adequava e incorporava os preceitos clássicos a um “novo projeto” que louvava e disseminava os ensinamentos de Jesus Cristo, mas que, também, sustentava a *aeternitas Romae* ao propor a unidade e a universalidade do *imperium romanorum*, baseadas no único e universal Deus cristão, protetor dos romanos.

A intensa vida pública de Roma e o esforço para a manutenção da hegemonia do poder romano estimularam a prática da oratória e a utilização dos costumes dos antepassados como exemplos de conduta. Aquele que domina a *oratio* expressava com elegância seus conhecimentos sobre história, literatura, filosofia, direito, política, religião e sobre as virtudes que constituíam o cidadão romano – na *res publica* – ou o verdadeiro cristão – na *res publica christiana*. Os estudos e a preparação do orador não favoreciam somente a ele, pois, em uma época de iletrados, este indivíduo guiava sua família, seus amigos e, até mesmo, a sociedade ao exercer a atividade pública. Seus discursos ensinavam e/ou encantavam e influenciavam os ouvintes. Contudo, para isto, devia-se lançar mão da leitura pública. A palavra escrita passava a formatar o cotidiano romano quando transformada em palavra falada e memorizada pelos destinatários da mensagem que a integrava à memória coletiva e às ações diárias. Por isso, quer fosse para conservar a antiga tradição, atrair novos fiéis através de sermões, ou legitimar a *aeternitas Romae*, durante a Antiguidade Tardia a oratória continuou sendo ambicionada e resguardada.

Diante dos casos estudados no decorrer deste trabalho monográfico, notamos que a realidade contradiz uma possível ideologia cristã de exclusão ou conversão de todos os não cristãos, pós era constantiniana. Aquela sociedade romana em transformação permitia – e aceitava – o convívio geralmente pacífico e respeitoso entre indivíduos de pensamentos distintos e se beneficiava com o diálogo produzido nesta esfera de relações. Mesmo quando os

argumentos eram contrários a determinadas crenças, enalteciam-se as habilidades do adversário e muitas idéias eram re-elaboradas aos próprios contextos. Percebemos, a contínua adaptação da filosofia pagã à teologia cristã que sustentará os dogmas cristãos nascentes nesta ocasião. Desta forma, a manutenção do *mos maiorum*, suporte do cotidiano romano divulgado pela *oratio*, abandonou a adoração às divindades pagãs, mas passou a integrar a ação dos seguidores do Deus cristão e se propagou pela mesma arte da *oratio* (antes pagã) ao longo dos tempos até nossos dias, tendo deixado como legado muitas estruturas morais e políticas. Os antepassados continuaram a ser modelos para os cristãos, embora re-elaborações tenham sido feitas e alguns nomes tenham mudado.

Diante destas conjunturas, não podemos negar as interações ocorridas entre pagãos e cristãos a fim de observarmos as discordâncias e as releituras executadas durante a Antiguidade Tardia. Portanto, quer fossem em debates da filosofia pagã ou da teologia cristã, as virtudes e as artes liberais permaneceram como foco de discussões, pois formatavam os costumes daquela sociedade. Toda esta readaptação tinha como objetivo a sobrevivência do *imperium romanorum*. O mesmo *imperium* que permitia se re-elaborar para ser preservado e permanecer Eterno.